

1. DUAS HISTÓRIAS DE AMOR

DAVID E CAROL SUE

Na minha juventude nos Estados Unidos, eu desconhecia a maioria dos conceitos sobre namoro, noivado e casamento apresentados neste livro. Mas o mais profundo desejo do meu coração era ter um lar verdadeiramente cristão. Infelizmente (do ponto de vista humano) minha própria família de origem havia passado por momentos de grande turbulência na minha infância e adolescência. Mas o que parecia mal para mim, Deus usou para pôr em meu coração uma paixão por um lar que exaltava Cristo (Gn 50.20). Só que eu não sabia por onde começar.

Li todos os livros que consegui sobre lar cristão e procurei por modelos. Não encontrei o que tanto esperava – uma família que procurava, mesmo que imperfeitamente, seguir os princípios bíblicos sobre relacionamentos no namoro, noivado e casamento. Não digo que essas famílias não existiam, mas eu não as conhecia pessoalmente.

Foi nessa época que saí de casa para entrar numa faculdade evangélica longe do meu estado, onde também entrei para o time titular de futebol. Foi no campo que encontrei um *craque* de bola, um jovem americano criado no Brasil, David Cox Jr. Nós dois

éramos os capitães do time e desenvolvemos uma boa amizade. De vez em quando David compartilhava um pouco sobre sua família no Brasil e fiquei encantado com o que ouvi. (Ainda mais, quando um dia antes do treino ele me mostrou uma foto da sua linda irmã que morava no Brasil!).

Tudo que meu amigo falava sobre os padrões, as tradições e o amor da sua família soava muito estranho para mim, mas ao mesmo tempo era isso que eu procurava. Uma família que não seguia princípios da cultura americana ou da brasileira, mas que tentava seguir uma cultura “bíblica”, mesmo que às vezes parecesse “radical”.

Foi quando eu sondei com eles a possibilidade de fazer um “estágio” no Brasil. Eu já havia viajado para África com um time missionário de futebol, mas pensei que uma experiência na América Latina seria uma ótima oportunidade. Eu desejava agora um estágio não tanto missionário, mas familiar, tal era minha vontade de ver um lar verdadeiramente cristão em ação.

Devo acrescentar que neste ínterim conheci a irmã do meu amigo, que havia chegado à faculdade para estudar Pedagogia. Por um “arranjo providencial”, o David havia pedido que eu e um amigo estivéssemos no aeroporto JFK, em Nova Iorque, para encontrar sua irmã, Carol Sue, caso o voo vindo do Brasil atrasasse e ela perdesse a conexão para o próximo voo. Fiquei mais que pronto para ajudar meu querido colega de bola. No aeroporto, conforme todas as minhas orações, descobrimos que o avião atrasara, e Carol Sue perdera a conexão. Eu e meu amigo tivemos o privilégio de acompanhar a dama numa viagem de 5 horas de carro até a casa dos avós dela.

Para mim, foi amor à primeira vista. Na verdade, olhando para trás, hoje entendo que foi mais “paixão à primeira vista”, mas na época eu não entendia o que era o amor bíblico. Quando chegamos à casa dos avós, Jack e Marge Wyrzten, fundadores do ministério internacional conhecido como Palavra da Vida, eu desmorenei. Fiquei intimidado quando coloquei meu nome no livro de

“hóspedes e convidados” na entrada da casa daquela gente famosa, ao lado do nome de atletas profissionais, astronautas, políticos e presidentes de universidades dos EUA.

Mesmo assim, de volta para a faculdade, escrevi uma carta para o sr. David Cox, pai do meu amigo e da Carol Sue, o fundador do Seminário Bíblico Palavra da Vida no Brasil. Pedi permissão para passar algumas semanas com sua família, “sugando da sua sabedoria e colhendo os frutos do convívio familiar.” O sr. David, sendo um homem de visão, desprendimento, generosidade e hospitalidade, prontamente respondeu: NÃO! A razão principal era o fato de que naquele momento ele só tinha a filha caçula em casa, e achava que não valeria a pena fazer toda aquela viagem para ver a família em ação quando a maior parte dela estava fora do país. Mas ao responder à carta, ele comentou com sua esposa, dona Mary-Ann Cox, que ele mudaria de opinião rapidamente se o nome desse “David Merkh” começasse a aparecer nas cartas da filha Carol Sue.

Pela graça de Deus, foi isso que aconteceu. Quando a Carol Sue chegou ao campus gelado da faculdade nos EUA, foi como se uma flor brasileira tivesse caído do céu em meio à neve daquele inverno inóspito! Todo mundo (pelo menos os rapazes) queria conhecer a moça bronzeada, bonita e atlética recém-chegada do outro lado do Equador. Eu, por minha vez, me desanimei novamente. Não queria competir com seiscentos outros rapazes pela atenção da princesa da festa.

Mas onde o desânimo aumentou, a graça superabundou. Por “coincidência”, a minha irmã também estudava na faculdade e virou grande amiga da Carol Sue. Nós quatro, as moças amigas e os dois Davids, compartilhamos muitas refeições juntos, e logo uma boa amizade se formou entre nós. De vez em quando eu e Carol Sue saíamos para correr juntos, assistir a jogos de basquete e acabamos conversando muito.

Foi quando ela sugeriu que eu escrevesse novamente para o pai dela, solicitando a possibilidade de um “estágio familiar”. Desta vez a resposta rápida de seu pai foi “SIM”!

Nos meses que antecederam a viagem, minha amizade com Carol Sue deslanchou. Tínhamos muitos interesses em comum. Acima de tudo, nosso desejo de servir ao Senhor em algum campo missionário do mundo nos unia cada vez mais. Logo ficou claro que estávamos nos tornando cada vez mais amigos. Mas, nada de namoro ainda. A Carol Sue havia assinado um “pacto” com toda a família de que não iria começar um namoro sem ter a aprovação entusiástica de todos. Isso incluía até a irmã caçula de 11 anos!

No fim, acabei passando oito das melhores semanas da minha vida no Brasil com a família dela. Tudo que eu havia sonhado de uma família e lido em livros, eu vi na prática. Nada de perfeição, mas uma família de perdoados que sabiam viver a graça de Deus e perdoar uns aos outros. No fim do meu “estágio”, foi feito um encontro familiar agradável em que cada membro da família pôde falar sobre o meu relacionamento com a Carol Sue. Como resultado, recebemos luz verde para prosseguir com o relacionamento.

Voltei para os EUA, eufórico e logo iniciamos o namoro. Achei que seriam mil maravilhas até o dia do nosso casamento, mas haveria outros desafios de construção pela frente.

Depois de um bom tempo, comecei a planejar nosso futuro. A Carol Sue tinha alguns sonhos bem específicos quanto ao noivado. Ela gostaria que fosse uma surpresa durante o período da faculdade, para que as amigas pudessem celebrar juntamente com ela.

Pensando nisso, planejei com muito cuidado uma série de eventos que iriam culminar no “noivado dos sonhos” dela. Comecei a entregar pequenas poesias dentro de caixinhas de fósforos, junto com presentes simbólicos representando o aniversário de cada ano do nosso futuro casamento (1º ano – papel; 10º ano – madeira; 25º ano – prata; 50º ano - ouro etc.). Era algo aparentemente espontâneo e que ela não sabia que terminaria com a poesia escrita para a caixa número 75, representando o diamante. A caixinha viria com o brilhante de noivado, a aliança, conforme o costume nos EUA.

Só que enquanto nos aproximávamos do grande dia, escrevi inocentemente uma carta para meus futuros sogros AVISANDO-OS sobre a data iminente do nosso noivado. Quando eles perceberam que as coisas haviam adiantado tanto e que eles nunca tinham visto nós dois juntos (pois a Carol Sue não voltou para o Brasil mais) ficaram indignados. Para eles, a permissão de namorar a filha era permissão para NAMORAR, não noivar.

A carta que recebi deles deixou muito claro que, se eu quisesse me casar com a filha deles, iria pôr fim aos planos de noivado e já. Arrasado, fiz exatamente isso. Precisei revelar para Carol Sue tudo que havia acontecido e o que não mais iria acontecer. Ficamos arrasados. Mas, sentamos juntos e gravamos uma fita K-7 (a tecnologia mais moderna da época) que seria enviada para os pais dela. Com lágrimas sinceras, explicamos que, mesmo não entendendo todas as razões pela proibição do noivado, iríamos seguir o conselho deles ao pé da letra.

Algumas semanas depois, recebemos uma carta de resposta, na qual o pai dela escreveu como se fosse o produtor de uma novela. Ele foi descrevendo o roteiro e a próxima cena bem criativa, porém mantendo a mesma postura contra o noivado naquele momento. Ficamos tristes, mas resolutos em obedecer e honrar os pais.

Não muito tempo depois, numa linda noite um pouco antes da Páscoa, levei a minha namorada para comer num restaurante chique. Durante a refeição, lhe entreguei uma cesta de Páscoa cheia de doces, ovos com brindes e também algumas “dicas” dos planos que havia feito para nós para aquele fim de semana. No fim, ela abriu um ovo dourado, aninhado no fundo da cesta. Sentei ao lado dela porque nessa dica ela precisava da minha ajuda para “preencher”. Quando abriu o ovo, era um brilhante de noivado acompanhado por meu pedido em casamento!

Ela não acreditou e até exclamou que ainda não podíamos noivar. Foi quando eu lhe mostrei OUTRA carta escrita pelo “produtor da novela”. Naquela carta, o pai dela explicou que eles haviam decidido de última hora mudar o roteiro e o fim da história.

Estavam dando permissão para o noivado e para todos os planos que o seguiriam. No fim, a surpresa foi bem maior, e justamente na época em que todas as amigas dela ainda estavam no campus. Sonhos realizados!

Agora, aperte o “avanço rápido” para 30 anos depois: Deus realizou não somente aqueles sonhos, mas muito mais. Por causa da sua graça que fez com que eu procurasse um modelo digno de família, me deu uma linda família, uma esposa maravilhosa, um novo país, um ministério abrangente, seis filhos e muito mais! Aprendemos de primeira mão lições valiosas sobre amizade, obediência, submissão às autoridades, unidade familiar, pacto e jugo igual. E nosso desejo é que a nossa história, junto com os princípios bíblicos deste livro, contribuam ainda mais para a glória de Deus e lares cristãos sólidos e alegres.

SACHA E ANA

Nasci e cresci num lar cristão. Graças a Deus, meus pais investiram muito para que meus irmãos e eu fôssemos expostos aos ensinamentos bíblicos. No contexto do lar, fui desafiado a pensar nas implicações práticas da fé que abracei ainda criança. Era um passo inovador para meus pais, principalmente para minha mãe, que vinha de um lar em que as boas novas do evangelho chegaram depois de o pecado já ter feito estrago na vida de meus avós.

O incentivo de viver as implicações da fé me levou a questionar e avaliar o que acontecia ao meu redor. Observei adolescentes e jovens dentro e fora da igreja caindo num padrão de namoro estranho a tudo o que aprendi na Palavra de Deus. *Como pode?*

No entanto, essa indignação alimentou um orgulho perigoso e disfarçado de piedade. Sabia que o namoro tinha que ser diferente e eu queria que fosse diferente para mim também. Porém, eu ainda estava cego para enxergar um plano maior que a realização do legítimo desejo de casar. Lamentavelmente, criei a falsa noção de que namoro, noivado e casamento resumiam-se

a uma lista de “pode” e “não pode”. Ah, como gostamos de receitas que garantam uma vida sem sofrimento! O problema é que o sofrimento faz parte de um plano maior e melhor, onde Deus produz em nós, de forma amorosa e eficaz, a imagem de seu Filho Jesus Cristo, tirando o que não se parece com ele. Tudo isso para a sua glória.

Com o passar do tempo, Deus mostrou que relacionamentos eram uma área eficaz em suas mãos para apontar meu orgulho e autossuficiência. Deus estava pronto para sacrificar minha felicidade temporal para produzir gozo eterno. Relacionamentos quebrados derramaram lágrimas que posteriormente regaram uma confiança maior no Senhor Jesus Cristo. A insegurança de namoros desfeitos me ajudou a enxergar a verdadeira base de um relacionamento conjugal. Minha lista de “pode” e “não pode” mostrou-se incapaz de garantir o que eu mais queria: um namoro diferente do mundo. Percebi, então, que eu não era tão diferente como pensava e sonhava. Foi uma experiência do tipo “aquele que se exalta será humilhado”.

E foi nesse turbilhão de reflexões que Deus levantou mais uma vez meus pais, amigos e conselheiros que me incentivaram a viver a fé que abracei. *O que é casamento? Por que eu quero casar? O que estou de fato procurando?* Essas foram algumas das diversas perguntas *existenciais-matrimoniais* que me levaram a procurar respostas na Palavra. Foram perguntas assim que motivaram uma pesquisa intensa na Palavra de Deus sobre o assunto, que resultou num trabalho de conclusão de curso e na minha contribuição para este livro.

Enfim, enquanto tudo isso acontecia, o Grande Maestro da Humanidade ensinava lições parecidas a uma jovem em algum outro lugar não muito distante. Ana cresceu num lar cristão depois que seus pais foram alcançados pela graça de Jesus quando ela ainda era um projeto de embrião. Portanto, logo cedo ela ouviu de Cristo e respondeu com fé.

Depois de uma experiência dura de namoro e de ouvir conselhos dos pais e do pastor, também se rendeu ao plano de

Deus para sua vida no que se referia ao casamento. Era hora de esperar, seguir servindo ao Senhor e aprender mais dele. Nesse contexto, Ana decidiu dedicar um ano de sua vida para estudar mais da Palavra de Deus no Seminário Bíblico Palavra da Vida. E foi ali que as histórias de duas pessoas não muito distantes começaram a se encontrar.

Mas primeiro é importante notar que anos antes, em 1998, uma grande amiga da Ana, Priscila, casou-se com meu primo, Márcio. Ambos estávamos no casamento, mas não nos conhecíamos e nem nos falamos naquele momento. O fato foi marcante porque depois de aproximadamente 7 anos, Priscila resolveu agitar um encontro entre nós dois. Conversando com a Ana, Priscila lançou a ideia de marcar um jantar para que nos conhecêssemos. Não sei se foi porque Ana não se entusiasmou (o que não seria difícil de acontecer já que poucas pessoas se entusiasmam com jantares do tipo “empurrãozinho”), mas o jantar nunca aconteceu, pelo menos nos moldes propostos.

No meio disso tudo, enquanto Ana estudava no seminário, a Priscila comentou sobre mim: “o primo do Márcio também estuda no seminário”. Os detalhes sobre o “primo” ficaram perdidos no comentário, impossibilitando que Ana encontrasse o “primo”. Mais um ponto importante para evidenciar a providência de Deus e não a estratégia humana.

Então, foi apenas no segundo semestre do Seminário que nos encontramos na fila de um almoço e perguntei sobre o estágio de férias a essa simpática aluna do primeiro ano. A resposta foi rápida e simples, apenas uma conversa casual. Depois de não muito tempo, a mesma aluna vendia trufas para ajudar a pagar as mensalidades de um colega de turma. Como a causa era nobre, resolvi comprar algumas trufas para ajudar, mesmo não sendo meu doce favorito. No pagamento, achei interessante fazer um fiado, uma vez que essa seria a garantia de mais uma circunstância para conversar com a doce vendedora do doce. Pagamento feito e mais umas palavras.

A partir daí, começamos a desfrutar de uma amizade diferente, que envolvia amigos e colegas do Seminário ao mesmo tempo em que aprendíamos mais um do outro.

Então, os trabalhos e provas se acumularam como acontecia ao final de todo semestre. Hora de estudar, mas por que não na biblioteca? Talvez essa fosse uma forma de aumentar a possibilidade de encontrar com Ana. E assim foi, estudamos algumas vezes juntos. E numa dessas oportunidades, perguntei se ela não queria ver uma foto do meu avô. Não sei se essa é a melhor forma de conquistar alguém, mas meu objetivo aqui é descrever os fatos e não transmitir técnicas infalíveis de conquista. Seja como for, ela disse “sim”.

E lá estava meu avô na foto, sentado e exibindo seu bigode característico. Ao seu lado, alguns netos com suas esposas. Sim, entre eles, Márcio e Priscila. Sem demorar muito, Ana pergunta: “quem é esse aqui?” Eu respondo: “Meu primo Márcio e sua esposa Priscila”. E ela diz: “Ah.” E eu não digo nada, faço comentários relacionados com a foto e voltamos a estudar. Depois do tempo de estudo, Ana ligou para sua mãe e contou o que eu saberia só depois que estivéssemos namorando: “o Sacha é o primo do Márcio!”

Bom, a amizade prosseguiu vagarosa e normalmente até o final do pouco tempo que ainda tínhamos juntos no Seminário. Tive medo do que poderia acontecer, parte porque não queria perder a oportunidade de ver nossa amizade crescendo já que a Ana voltaria para sua cidade, e também porque lutei com o medo de errar. Resolvemos continuar construindo uma amizade à distância, orando por aquilo que Deus teria para nós no que se referia ao futuro.

Com o tempo, a amizade amadureceu superando a distância que nos separava. Nos meus dias de folga, viajava para visitar a Ana. Passávamos o dia juntos, conversando sobre diversos assuntos. Orávamos e também interagíamos com as respectivas famílias em oportunidades diversas.

Mas até quando? Quando Deus daria uma resposta? E como saberíamos? Queria tanto acreditar na *revelação direta do espelho*

embaçado. Você já imaginou se depois de um banho quente, tivesse uma mensagem escrita pelo dedo de Deus no espelho embaçado: *Sim, é ela! Podem casar e vocês serão felizes para sempre!* Deus pode fazer o que ele quiser, mas eu não deveria esperar que ele fizesse nada diferente do que disse que faria. O Senhor se comunica conosco por meio de sua Palavra. Ele usa conselheiros e até mesmo inclina o coração, mas sua vontade é revelada em sua suficiente Palavra, a Bíblia. Portanto, estávamos diante da responsabilidade de buscar ao Senhor e aplicar a sua Palavra para uma decisão que o agradasse.

Em nossas conversas, já tínhamos estabelecido de forma clara nossos objetivos, compartilhado convicções e aspirações para um lar futuro. Ana estava ciente para onde Deus estava conduzindo minha vida e mostrava-se disposta a me acompanhar na corrida ministerial. E para somar, gostávamos muito da companhia um do outro. Mas faltava algo! Embora os pais já estivessem cientes e presentes em tudo isso, eles ainda não se conheciam. Queríamos que nossos pais se conhecessem para selar o processo de conhecimento mútuo e autorizar o namoro.

Marcamos um almoço na casa dos pais da Ana num feriado. Em volta da mesa, conversamos muito e sobre muita coisa. Para meu desespero, conversamos até demais. Simplesmente, eu não conseguia entrar na conversa para direcionar o papo para o nosso relacionamento. Comemos a entrada, o prato principal e a sobremesa. Nessas alturas, minha mãe já havia desistido de me encorajar com olhares e até mesmo com leves pontapés por debaixo da mesa. Mas foi no cafezinho que finalmente eu consegui emendar um “então”. Foi uma oportunidade para contar como Deus estava direcionando nossa amizade até o momento e para reforçar o convite da participação de cada um em nossa amizade. E foi assim que terminou o almoço.

Saindo de lá, fomos ao aniversário de um tio e depois tomamos um café para conversar mais. Nessa conversa, falamos sobre o almoço e de tudo o que aconteceu. Mas ainda não estávamos oficialmente namorando. Ciente disso, voltamos na casa dos pais da Ana, conversei novamente com seu pai,

esclarecendo meus objetivos de namorar com sua filha visando o casamento. Queríamos namorar com essa perspectiva. E a resposta foi “sim!” Alguns meses depois, voltei a conversar com os pais da Ana, explicando que entendia ser o momento de noivarmos e marcarmos a data do casamento.

Debaixo da autorização e bênção dos nossos pais, convidei Ana para um jantar. Jantamos num lugar diferente, conversamos bastante. Depois do jantar, eu simplesmente não sabia como abordar e nem onde fazer o meu pedido de casamento previamente autorizado. Não me parecia natural puxar a caixinha com alianças naquele momento. Então, saímos de lá e andamos um pouco de carro sem destino. Sem conhecer muito bem a cidade, não consegui nada melhor que um estacionamento de supermercado para parar. E foi num estacionamento que puxei uma carta do porta-luvas do carro. Li a carta para a Ana, que continha uma espécie de diário, relatando diversas situações que envolviam nossa amizade e namoro, desde o tempo do convívio no Seminário. Na carta, coloquei coisas que pensei e orei, mas que não deveriam ser ditas a ela até aquele dia. Demos risadas juntos lembrando de pequenas coisas de nossa amizade. E no último dia registrado no diário:

[...] Nosso relacionamento começa a vislumbrar um ar de caminhada juntos. As pequenas coisas que eram tão importantes quando adolescente já saíram para dar lugar às conversas sobre a vida juntos em uma caminhada até que a morte nos separe.

Já tenho um par de alianças em casa e em breve ficaremos noivos para a glória de Deus. Estou tão tranquilo e ainda assim clamando a orientação de Deus nesses passos que estamos dando. Como precisamos dele para nos ensinar a sermos um casal que irá glorificá-lo.

Algumas coisas ainda parecem nos assustar, mas nada deve nos preocupar quando crescemos no temor do Senhor. Quero muito isso: crescer no temor do Senhor com você!

Não tenho ideia do que Deus está preparando para nós, mas uma coisa é certa, é algo perfeitamente sábio e amoroso. Assim é o nosso Deus, sábio e amoroso.

Ainda tenho muito que aprender sobre ser um marido que irá amá-la como Cristo amou a igreja. Quero aprender mais disso. Aliás, essa tem sido a minha oração.

Te amo muito. “Você quer se casar comigo?”

“Senhor... tome as rédeas de nossa vida e construa o seu querer em nós e através de nós! Para a sua glória e honra!”

Sacha, 09/02/2007

Foi lendo essa carta que aquele dia terminou para começar uma jornada diferente a partir de 16/06/2007, quando nos casamos. Deus escreveu uma história de amor que mostra o seu amor por nós. Foi usando erros, tristezas e nossa própria imaturidade que Deus se mostrou mais uma vez digno de confiança, conformando dois pecadores à imagem de Jesus. Foi ele quem construiu nossa história, por isso podemos dizer que vai ser ele quem irá mantê-la. Para a glória de seu nome!

Hoje, depois de um pouco mais de cinco anos, desfrutamos de um abençoado casamento e uma excelente amizade. Continuamos a crescer em mutualidade, aprendendo a orar um pelo outro, enquanto o amor de Deus sustenta a aliança que fizemos. Deus nos abençoou com um filho, Pedro, em 2009, e enquanto este livro é processado, aguardamos uma segunda criança. Nosso desejo é que os princípios aprendidos durante nossa história e registrados neste livro sejam uma bênção para nossos filhos, as próximas gerações e para você que deseja viver o plano de Deus para o casamento.

RESUMINDO

1. Submissão às autoridades que Deus colocou em nossas vidas nos ajuda a caminhar dentro da sua vontade.

2. Casamento une não somente o casal, mas suas famílias; ter o apoio de todos os membros das famílias envolvidas facilita em muito o futuro casamento.
3. O fundamento sólido de um relacionamento duradouro envolve uma amizade profunda.
4. Não existem “receitas” que garantam relacionamentos sem sofrimento. O relacionamento é o instrumento nas mãos de Deus para nos ensinar e nos conformar à imagem de Cristo.
5. Os princípios bíblicos para namoro, noivado e casamento são suficientes para nos nortear dentro da vontade de Deus.
6. Apesar das nossas falhas, a soberania e o amor de Deus trabalham para que seus filhos sejam conformados à imagem de Jesus, inclusive no namoro e noivado.

PARA DISCUSSÃO

1. Quais os princípios bíblicos para a construção de relacionamentos duradouros que você consegue detectar em cada uma dessas histórias?
2. Qual a importância de obedecer e honrar autoridades (pais e líderes espirituais) no processo de namoro?
3. Avalie essa declaração: “Case-se com seu melhor amigo se quiser um amigo para sempre!”
4. Qual o papel do romantismo e da criatividade no relacionamento a dois?